

## **“Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro**

“If she got there, I can get too”: the trajectory of women coaches in football

**Karen Guimarães**

Universidade Estadual de Campinas, Limeira/SP, Brasil  
Graduada em Ciências do Esporte, UNICAMP  
guimaraeskaaren@hotmail.com

**Júlia Barreira**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil  
Doutorado em Educação Física, UNICAMP

**Larissa Rafaela Galatti**

Universidade Estadual de Campinas, Limeira/SP, Brasil  
Doutorado em Educação Física, UNICAMP

**RESUMO:** Apesar do aumento do número de jogadoras de futebol, mulheres continuam sub-representadas nos cargos de liderança. O cargo de treinadora é uma das áreas que apresenta maior desigualdade de gênero por conta do seu protagonismo e visibilidade. A fim de compreender essa realidade, exploramos as percepções, vivências e trajetórias de vida de mulheres treinadoras de futebol no Brasil. As entrevistas semiestruturadas com seis participantes mostraram caminhos comuns seguidos por elas, como a prática do futebol na infância e juventude e a desconfiança ao ocuparem esse espaço devido aos estereótipos de gênero. As participantes treinadas por mulheres ao longo de sua vida relatam serem inspiradas por essas personagens. Por outro lado, a ausência de treinadoras referências as desencorajou a seguir nesse caminho. Esse estudo apresenta importantes reflexões sobre os suportes e estratégias para desafiar as construções de gênero no esporte e promover a maior participação de treinadoras no futebol brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esportes; Gênero; Formação; Liderança.

**ABSTRACT:** Despite the increasing number of women’s football players, women continue to be underrepresented in leadership positions. The coach position is one of the areas with the greatest gender inequality due to its protagonism and visibility. In order to understand this reality, we explored the perceptions, experiences and trajectories of women working as football coaches in Brazil. The semi-structured interviews with six participants revealed common paths followed by them, such as the practice of football in childhood and youth, and the mistrust when occupying this space due to gender stereotypes. Participants who have been coached by women report being inspired by them. On the other hand, the absence of women as references discouraged them from following this path. This study presents important reflections on supports and strategies to challenge gender constructions in sport and promote greater participation of women as coaches in football.

**KEYWORDS:** Sports; Gender; Training; Leadership.

## INTRODUÇÃO

Com os avanços das lutas feministas, a evolução dos estudos sobre gênero no esporte e a busca por ressignificação da história do futebol praticado por mulheres, números demonstram um crescimento no que diz respeito ao aumento de praticantes, competições esportivas e mulheres envolvidas no desenvolvimento do futebol brasileiro. Entretanto, as mulheres continuam sub-representadas nos cargos de liderança no esporte. Por conta da sua visibilidade e do seu protagonismo, o cargo de treinadora é uma das áreas com o maior desequilíbrio de gênero.<sup>1</sup> No Brasil, embora a participação tenha crescido lentamente na última década, as treinadoras ainda correspondem a apenas 20% dos profissionais que comandam equipes no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.<sup>2</sup> No futebol de homens, desconhecemos mulheres que tenham atuado como treinadoras nas diferentes categorias e séries do campeonato nacional. Fatores sociais, culturais, econômicos e históricos corroboram para que o número de treinadoras no Brasil ainda seja baixo tais como a falta de apoio, de políticas de fomento e de programas que proponham estratégias para o desenvolvimento do esporte em diversas camadas.<sup>3</sup>

A construção do papel social da mulher ao longo do século XX limitou o acesso das praticantes a determinadas modalidades esportivas e praticamente impossibilitou a entrada e a ascensão dessas profissionais em cargos de liderança.<sup>4</sup> O futebol foi uma das modalidades mais vinculadas aos atributos da masculinidade e que, conseqüentemente, apresentou grande resistência social para a participação de meninas e mulheres. No Brasil, essas construções foram reforçadas pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941 que proibiu oficialmente a prática do futebol e futsal por meninas e mulheres, dificultando sua permanência nas modalidades e anulando elementos

---

<sup>1</sup> HARGREAVES. *Sporting females: critical issues in the history and sociology of women's sports*.

<sup>2</sup> PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem, p. e26060.

<sup>3</sup> FERREIRA; SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

<sup>4</sup> PFISTER. Women in sport: gender relations and future perspectives, p. 234-248.

fundamentais para o seu desenvolvimento.<sup>5</sup> As jogadoras transgrediram às proibições legais e sociais durante as mais de quatro décadas de vigor e resistiram à falta de espaços físicos apropriados para a prática esportiva, de campeonatos específicos e de profissionais comprometidos com o seu ensino, treinamento e gestão.

O Decreto-Lei foi revogado no final da década de 1970, mas os resquícios dos impedimentos legais e as construções sociais continuaram presentes, dificultando a participação de mulheres como jogadoras e líderes no esporte. As histórias das mulheres que integraram a geração pioneira do futebol brasileiro, ou seja, aquelas que se dedicaram a ele logo que foi regulamentado no início da década de 1980, revelam que diversas jogadoras que sonhavam ser treinadoras esportivas, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas nessa trajetória, foram impedidas de cursar as disciplinas de futebol e futsal nos cursos superiores de Educação Física.<sup>6</sup> A formação restrita aos homens promoveu o processo de desenvolvimento de treinadores destinado aos seus próprios interesses. Ainda assim, as pioneiras desafiaram a hierarquia de gênero ao conquistarem o diploma do Ensino Superior e se tornarem treinadoras de futebol, mesmo frente à ausência de suportes, possibilidades de formação e oportunidades de prática.<sup>7</sup>

O cenário atual, embora apresente uma maior possibilidade para mulheres que desejam atuar como treinadoras, ainda é acompanhado por diversos desafios ao longo de sua carreira. Do ponto de vista formativo, mulheres conquistaram espaço no Ensino Superior e em cursos de certificação, embora ainda enfrentem diversos desafios nesses espaços. O estudo de Lewis, Roberts e Andrews<sup>8</sup> investigou as percepções de treinadoras que participaram dos cursos de certificação da federação inglesa de futebol e mostrou que elas enfrentaram elevados níveis de discriminação

---

<sup>5</sup> SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*.

<sup>6</sup> GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*.

<sup>7</sup> GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem*.

<sup>8</sup> LEWIS; ROBERTS; ANDREWS. 'Why am I putting myself through this?' Women football coaches' experiences of the Football Association's coach education process, p. 28-39.

de gênero e práticas culturais inadequadas dentro desse ambiente. Complementando esses achados, Sawiuk, Lewis e Taylor<sup>9</sup> entrevistaram treinadoras que participaram da Licença A oferecida pela UEFA e mostraram que o curso é marcado por suposições androcêntricas, masculinidade tóxica, linguagem sexualizada, práticas desdenhosas e um desconhecimento do jogo das mulheres. Recentemente, Guimarães, Barreira e Galatti<sup>10</sup> exploraram as vivências de treinadoras de futebol em cursos de certificação oferecidos pela CBF Academy. As autoras mostraram que os homens que participam dos cursos se expõem constantemente e sentem-se seguros para isso. Em contrapartida, as treinadoras relatam desconforto e uma constante desconfiança sobre a sua capacidade de ocupar aquele ambiente. Para transformar esse cenário, as participantes precisam se posicionar e atestar seu conhecimento e competência profissional. Esses trabalhos mostram que os processos de certificação ainda perpetuam as relações desiguais de poder e dificultam a permanência das treinadoras dentro desse ambiente.

O cenário apresentado anteriormente reforça a importância de utilizar o gênero como uma categoria analítica ao investigar as experiências de mulheres treinadoras no esporte. A partir dele é possível compreender as desigualdades de poder e o uso das diferenças biológicas para perpetuar formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos.<sup>11</sup> O esporte em si é uma construção cultural que reproduz valores, discursos e práticas, e reforça as representações de feminilidades e masculinidades que definem, também, posições sociais.<sup>12</sup> De forma similar, os cargos de liderança também são associados à estrutura de poder na sociedade que reproduzem a hierarquia de gênero. Apesar do estilo de liderança depender do contexto em que a pessoa se encontra, historicamente a liderança é definida em termos masculinos.<sup>13</sup> Os atributos tradicionalmente associados a homens são esperados e supervalorizados nesses cargos e as características de feminilidade, tradicionalmente vinculadas

---

<sup>9</sup> SAWIUK, LEWIS; TAYLOR. “Long ball” and “balls deep”: a critical reading of female coach-learners’ experiences of the UEFA A licence, p. 110-127.

<sup>10</sup> GUIMARÃES; BARREIRA; GALATTI. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy, p. e29010.

<sup>11</sup> GOELLNER. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico, p. 173-196.

<sup>12</sup> GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 31-38.

<sup>13</sup> EAGLY; CARLI. *Through the labyrinth: the truth about how women become leaders*.

à mulher, são indesejadas. Esses discursos e estruturas reforçam que o ambiente de liderança no esporte não representa um espaço adequado às mulheres e dificultam o seu sucesso profissional.

A literatura científica nacional tem se tornado cada mais sensível a essas questões e aumentado o seu interesse pelas estratégias que desafiam a hegemonia dos homens em cargos de liderança e por suportes que favoreçam a inserção e progressão de mulheres treinadoras. Em um dos estudos pioneiros, Ferreira et al.<sup>14</sup> investigaram a baixa representatividade de treinadoras de diferentes modalidades esportivas no Brasil. As participantes relataram que as diversas barreiras enfrentadas ao longo de sua carreira distanciam as mulheres dessa profissão. Dificuldades de ascensão no cargo, conflito entre vida pessoal e vida profissional e necessidade de atestar a sua competência estão entre os obstáculos enfrentados pelas treinadoras. Posteriormente,<sup>15</sup> outro estudo investigou especificamente mulheres que trabalham com o futebol e mostrou que as experiências de sucesso como jogadoras foram importantes para a sua transição como treinadora. Mais recentemente, Novais et al.<sup>16</sup> investigaram as trajetórias e experiências de treinadoras e auxiliares técnicas de futebol e encontraram um processo de inserção, permanência e ascensão profissional marcado pela transposição de barreiras e superação de desafios. As treinadoras apresentaram altos níveis de capacitação e, ao ocuparem esse espaço tradicionalmente reservado aos homens, tensionaram as relações de poder.

Diante disso, explorar as vivências e trajetórias de mulheres treinadoras é fundamental para compreender ações que possam fomentar sua maior inserção, manutenção e progressão nessa carreira. Portanto, esse estudo tem como objetivo explorar as percepções, vivências e trajetórias de vida de mulheres treinadoras de futebol no Brasil. Reforçamos a importância de conhecer a história dessas personagens para reconhecer seu protagonismo e suas contribuições para o desenvolvimento da modalidade.<sup>17</sup> O conhecimento sobre os diferentes caminhos seguidos por

---

<sup>14</sup> FERREIRA; SALLES; MOURÃO; MORENO. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, p. 103-124.

<sup>15</sup> WOLF. *De jogadoras a treinadoras: mulheres rompendo o teto de vidro*.

<sup>16</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA; MONTEIRO, CHAGAS; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: estratégias de subversão e resistência no campo da liderança esportiva, p. e27023.

<sup>17</sup> GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 31-38.

mulheres ao longo da sua carreira profissional, considerando os suportes e barreiras que vivenciaram ao longo desse percurso, é fundamental para estabelecer estratégias que desafiem as construções de gênero no esporte.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse estudo utilizamos uma metodologia qualitativa baseada em entrevistas semi-estruturadas para coleta de dados.<sup>18</sup> De acordo com Duarte,<sup>19</sup> a entrevista é um recurso metodológico que possibilita, a partir de bases teóricas e pressupostos do estudo, recolher respostas a partir da experiência subjetiva da pessoa entrevistada, selecionada por ter informações que desejamos conhecer. É importante notar que, como uma pesquisa feminista, esse estudo foi desenvolvido por mulheres e com mulheres. Nesse sentido, a investigação é destinada às experiências de mulheres narradas pelas próprias participantes como indivíduos políticos e não pelo olhar dos homens e de sua dominância.<sup>20</sup> Assim, as instituições sociais foram consideradas na análise do fenômeno investigado e, a partir do estudo, buscamos fornecer informações que auxiliem mulheres na luta contra o sistema de opressão de gênero.<sup>21</sup> Colaboraram com essa investigação seis treinadoras de futebol no Brasil que, no momento da coleta de dados, atuavam com a seleção nacional de futebol de mulheres (adulta ou base) ou com equipes que disputavam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (Quadro 1). Visto que as autoras do estudo também possuem trajetória no futebol de mulheres (como jogadoras ou treinadoras), contamos com a nossa rede de contatos para identificar e alcançar as participantes. O contato com as treinadoras foi realizado por redes sociais. No primeiro contato explicamos brevemente o objetivo do estudo e agendamos as entrevistas por videoconferência nos dias e horários mais adequados para cada uma delas.

---

<sup>18</sup> YIN. *Qualitative research from start to finish*.

<sup>19</sup> DUARTE. Entrevista em profundidade, p. 62-83.

<sup>20</sup> NORMAN. The challenges facing women coaches and the contributions they can make to the profession, p. 3-23.

<sup>21</sup> KAMPHOFF. Bargaining with patriarchy: former female coaches' experiences and their decision to leave collegiate coaching, p. 360-372.

Treinadora	Tempo de experiência com o futebol	Tempo de atuação como treinadora
A	Desde os 6 anos de idade	10 anos
B	28 anos	10 anos
C	33 anos	15 anos
D	18 anos	8 anos
E	30 anos	15 anos
F	Desde a infância	18 anos

Quadro 1. Envolvimento com o futebol e tempo de atuação profissional das treinadoras participantes deste estudo.

## Entrevistas

Uma vez que elas aceitaram o convite, realizamos a entrevista semiestruturada com o intuito de tomar conhecimento das experiências dessas treinadoras ao longo da sua trajetória profissional. Esta abordagem permitiu investigar as informações por diferentes perspectivas e possibilitou que emergissem questões adicionais de acordo com o andamento da entrevista.<sup>22</sup> A entrevista foi estruturada abordando questões como representatividade, desigualdade de gênero, oportunidade no mercado de trabalho e outras questões que emergiram durante a entrevista. Visto que a pesquisa busca compreender a complexidade das experiências das treinadoras, elaboramos perguntas e abordamos temas de forma que pudéssemos desenvolver as vivências e sensações experimentadas ao longo da sua trajetória. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das treinadoras e transcritas pela primeira autora, de forma fiel ao encontro realizado. Além disso, todos os nomes apresentados nas falas ao longo do estudo são fictícios, no intuito de preservar a identidade das treinadoras e garantir um ambiente seguro de conversa. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (CAAE: 18722619.6.0000.5404).

<sup>22</sup> SMITH; SPARKES. *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise*.

## Análise temática

Para o processo sistemático de análise das entrevistas, utilizamos a Análise Temática que possibilita encontrar padrões (temas) no conjunto de dados analisado, auxiliando também a descrição e interpretação do seu significado e da sua importância no contexto analisado.<sup>23</sup> Nesse estudo, utilizamos a abordagem dedutiva que envolve a definição de temas preconcebidos que esperamos encontrar nas entrevistas com base na base teórica utilizada. Utilizamos o referencial teórico sobre as trajetórias de treinadoras para definir códigos como relações familiares, experiências como jogadoras e entre outros. Entretanto, reconhecemos novos códigos que não estivessem relacionados ao referencial previamente estabelecido também poderiam ser encontrados. Nesse sentido, adicionamos a análise indutiva à medida que novas temáticas emergiram a partir da análise dos dados.<sup>24</sup> Esses processos se fizeram presentes nas seis etapas de análise propostas:<sup>25</sup> familiarização, codificação, definição dos temas, revisão dos temas e nomeação dos temas. A partir desses processos, chegamos a três principais temáticas:

- Viver para ser: a importância das experiências esportivas na trajetória profissional
- A integração dos contatos, conhecimentos e competências como jogadora para treinadora
- “Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: a importância de treinadoras como referências

Braun e Clarke<sup>26</sup> sugerem a utilização de figuras, esquemas e mapas temáticos como um recurso interessante para analisar os limites de cada tema, assim como sua relação com o objeto de estudo do trabalho. Essas recomendações auxiliaram no processo de análise dos dados e as ideias foram organizadas em figuras para garantir que os temas que emergiram se relacionavam com a temática do estudo.

---

<sup>23</sup> BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

<sup>24</sup> BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

<sup>25</sup> BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.

<sup>26</sup> BRAUN; CLARKE. Using thematic analysis in psychology, p. 77-101.



## **Confiabilidade**

Diferentes estratégias foram utilizadas para garantir a confiabilidade da coleta e análise de dados. A primeira, correspondeu a um estudo piloto realizado com uma treinadora de futebol com o intuito de avaliar a pertinência do roteiro de entrevista e a compreensão por profissionais da área. O segundo cuidado foi no momento de análise de dados que contou com a participação de uma amiga crítica, doutora com ampla experiência em análises dessa natureza e interesse na temática investigada.<sup>27</sup> Essa pesquisadora (segunda autora do estudo) teve como papel acompanhar o processo de análise dos dados e dialogar com a primeira autora elaborando perguntas provocativas que estimulassem e aprofundassem as reflexões das análises dos dados. Devido ao grande volume de dados e aos diversos caminhos que podem ser seguidos com a análise temática, os questionamentos auxiliaram na definição de códigos e temas que se aproximassem da temática investigada e possibilitassem a discussão sobre a trajetória esportiva das treinadoras de futebol no Brasil. A terceira estratégia foi uma análise colaborativa entre todas as autoras do estudo, questionando as perspectivas de cada uma e as decisões tomadas no processo de análise dos dados.<sup>28</sup> Por exemplo, a nomeação dos temas envolveu diversas discussões e reflexões buscando representar os principais achados de cada temática. Além disso, mantivemos as citações das participantes de forma autêntica e sem edição.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **Viver para ser: a importância das experiências esportivas na trajetória profissional**

As participantes compartilharam as suas experiências com o esporte antes mesmo de serem treinadoras, desde a infância nas brincadeiras de rua e em campos de várzea até atuarem como atletas em grandes clubes e, em alguns casos, na seleção brasileira. As treinadoras destacaram a importância da prática do futebol na infância para a sua carreira profissional e relataram que, naquele momento, o jogo era

---

<sup>27</sup> COSTA; KALIICK. Through the lens of a critical friend. p. 49.

<sup>28</sup> RICHARDSON. New writing practices in qualitative research, p. 5-20.

vivenciado apenas com meninos e que não conheciam outras meninas que praticassem a modalidade.



Fig. 1. Resumo do Tema 1 “Viver para ser: a importância das experiências esportivas na trajetória profissional”.

Jogava na rua com meninos... Entrei em uma escolinha de futsal com 8 para 9 anos, só tinha meninos, não tinha nenhuma menina. Continuei jogando só com meninos até os 15... Nos meus 15 entrei em um clube da cidade que eu nem sabia que existia e aí já jogava sub 20/adulto, porque naquela época não tinha sub 15, sub 17 ou [categoria] de base na minha cidade (Treinadora B).

As histórias das treinadoras desse estudo representam experiências vividas por diversas jogadoras de futebol e futsal no Brasil que comumente iniciam sua prática esportiva na rua junto com meninos.<sup>29</sup> No cenário brasileiro em que historicamente meninas e mulheres enfrentavam poucas oportunidades de prática estruturada, o jogo com meninos se tornou a principal porta de entrada para as modalidades. A descoberta de equipes de mulheres costuma acontecer mais tardiamente, sendo um momento transformador em suas vidas. Nesse sentido, notamos que desde suas primeiras experiências com o futebol as mulheres negociam a ocupação

<sup>29</sup> SOUZA; MARTINS. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira, p. 26-39.

desse espaço e desafiam os estereótipos de gênero. Embora suas experiências esportivas sejam atravessadas por processos discriminatórios e de violência simbólica, a sua permanência nesse espaço se configura como uma estratégia de resistência e subversão do cenário de sub-representatividade.

Essa questão de querer provar... é a vida inteira! Mulher no futebol, né? A vida inteira tive que provar que eu era boa no que eu fazia, que eu entendia o que estava falando... até para os próprios treinadores. Tem essa questão de achar que você não sabe o que está falando, não sabe o que está fazendo... Então isso é diário, sempre foi diário, de provar (Treinadora E).

No relato apresentado acima notamos a constante necessidade de provar sua capacidade e competência (como jogadora e treinadora) para ocupar esse ambiente. Esses desafios também foram mostrados por estudos anteriores que investigaram as experiências esportivas de meninas na iniciação do futebol. Mesmo com o prazer de jogar, meninas identificaram condições de agressividade impostas geralmente pelos próprios meninos que contribuíam com o seu desinteresse pela prática esportiva.<sup>30</sup> De forma similar,<sup>31</sup> Novais et al. (2022) mostraram que as treinadoras de futebol no Brasil investem em capacitação para afirmarem a sua competência e não serem questionadas com base nos estereótipos de gênero. Portanto, desde seus primeiros contatos com o esporte até se tornarem treinadoras de alto rendimento, as participantes desafiam e tensionam as relações de poder no futebol.

Além das experiências como jogadoras, o esporte se fez presente em diferentes esferas de suas vidas. As participantes narraram lembranças de assistir jogos pela televisão, ir a campos com a família, jogar com colegas na escola e na rua, ganhar camisetas de clubes e reforçam o quanto essas vivências foram positivas para que crescessem envolvidas com a modalidade e desenvolvessem a paixão pelo esporte.

Bom, eu sempre fui uma menina cercada por esportes... O meu pai mesmo me incentivava, então eu mesma convivi muito com o esporte (...) O futebol era o mais presente na nossa infância, sempre foi. E o meu pai também sempre estimulou, né? E aí nasce a paixão ali. Ele era corintiano bem roxo, eu também era e a gente vai em estádio junto, a gente assiste os jogos juntos e isso perdura até hoje (Treinadora A).

---

<sup>30</sup> SOUZA JÚNIOR; DARIDO. A prática do futebol feminino no ensino fundamental, p. 1-9.

<sup>31</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

Um cenário similar foi encontrado por Novais et al.<sup>32</sup> ao investigarem as trajetórias de treinadoras e auxiliares no futebol brasileiro. O estudo mostrou uma homogeneidade das participantes em relação ao envolvimento com o esporte desde a infância e reforçou a importância dessas vivências para o envolvimento e a prática do esporte na vida adulta. No relato apresentado pela Treinadora A também notamos a importância de familiares, especificamente do seu pai, ao apoiar e estimular a prática esportiva. Tais relatos reforçam a importância do incentivo familiar para a prática de esportes por meninas durante a infância e adolescência.<sup>33</sup>

Os pais e irmãos também foram apontados por estudos anteriores como importantes agentes para ampliarem as possibilidades de prática e de ascensão de treinadoras de futebol no Brasil.<sup>34</sup> Entretanto, concordamos com o estudo de Novais et al.<sup>35</sup> ao alertarem que esse cenário não atribui “responsabilidade ou mérito aos homens, mas sim aponta para as negociações constantes que permeiam as relações sociais”. Além disso, sua participação como facilitadores da prática esportiva por meninas na infância não é uma realidade compartilhada por todas as treinadoras desse estudo. Se, em alguns casos, eles contribuíram e estimularam as experiências esportivas, em outros, apresentaram resistência à sua entrada e permanência no futebol. Algumas participantes relataram enfrentar suas famílias e normas sociais para praticarem o esporte.

Eu pude jogar de fato depois que o meu pai faleceu... Até então ele não deixava, era meio rígido em relação a essas coisas. Então, como ele trabalhava a semana inteira em SP e só vinha de fim de semana, de semana eu jogava, brincava. De final de semana, eu não jogava (Treinadora C).

As experiências compartilhadas também foram narradas por outras treinadoras e auxiliares no futebol brasileiro ao enfrentarem resistência familiar para a

---

<sup>32</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

<sup>33</sup> VISSOCI; FIORDELIZE; OLIVEIRA; NASCIMENTO JUNIOR. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal, p. 145-156.

<sup>34</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

<sup>35</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

prática da modalidade.<sup>36</sup> Em outro estudo, realizado no contexto universitário, jogadoras de futsal relataram o apoio familiar para a prática esportiva na infância, mas que foram desencorajadas, e em alguns casos proibidas, de seguirem uma carreira profissional nas categorias de base ou adulta, o que foi associado sobretudo ao preconceito de gênero.<sup>37</sup> Nesse sentido, a família pode representar tanto um suporte como uma barreira no desenvolvimento de mulheres como jogadoras e treinadoras.<sup>38</sup> Essas diferentes experiências reforçam que os caminhos percorridos por mulheres treinadoras não são iguais e que elas podem enfrentar diferentes obstáculos ao longo de sua carreira.<sup>39</sup> É importante reconhecer que, embora as treinadoras apresentem alguns elementos em comum ao longo de suas vidas, a trajetória de cada uma é única e singular.

### A integração dos contatos, conhecimentos e competências como jogadora para treinadora

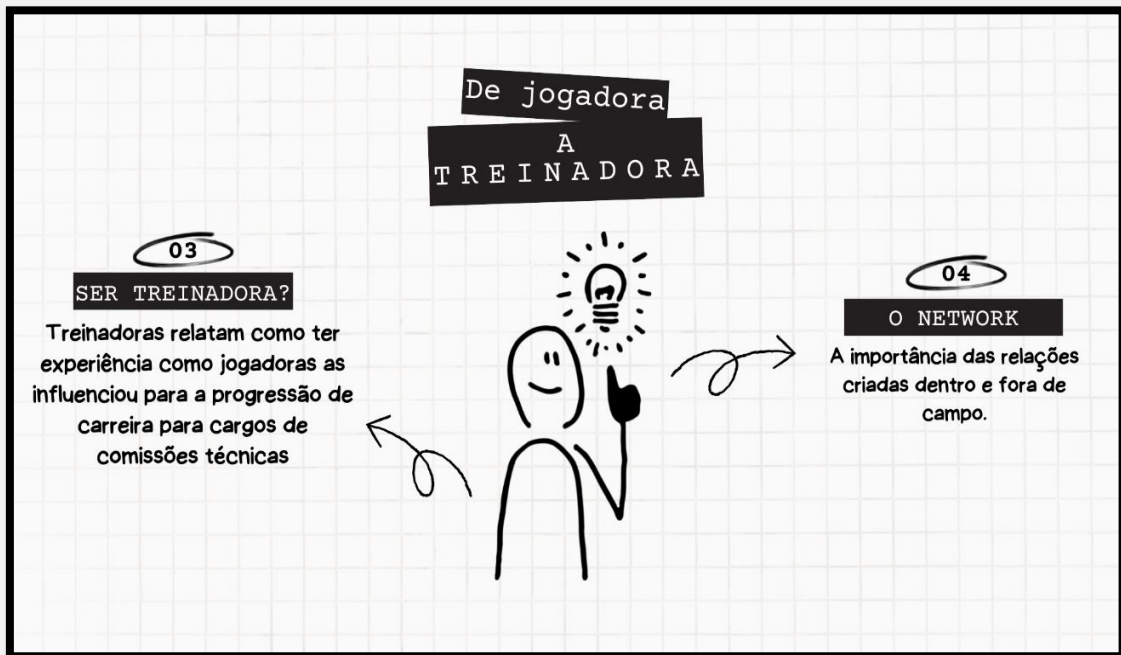


Figura 2. Resumo do Tema 2 “A integração dos contatos, conhecimentos e competências como jogadora para treinadora”.

<sup>36</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

<sup>37</sup> TAMASHIRO; MARQUES; OLIVEIRA; PALMA; GALATTI. Women’s futsal at a Brazilian university: does the academic social environment influence prejudices against the players?, p. 1-6.

<sup>38</sup> LAVOI; DUTOVE. Barriers and supports for female coaches: an ecological model, p. 17-37.

<sup>39</sup> BARREIRA. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?, p. e27080.

As vivências esportivas como jogadoras corroboram a literatura ao apontar o envolvimento com o esporte como um fator de relevância para o aprendizado de habilidades sociais, tais como saber conviver e aprender com as diferenças, respeito com as regras e as pessoas que fazem o jogo, se comunicar de formas diferentes e desenvolver aspectos psicológicos como motivação, autoconfiança e autoestima. De acordo com Ferreira, Salles e Mourão,<sup>40</sup> as treinadoras brasileiras acreditam que existem qualidades fundamentais para que elas se mantenham no comando de equipes esportiva, como a capacidade de liderança, carisma, conhecimento, comprometimento, persistência e sensibilidade para lidar com os atletas. No nosso estudo, a Treinadora F elucida em sua fala como tais habilidades estão presentes na vivência do futebol de rua:

A rua traz muitos aprendizados que não necessariamente estão ligados a tática, técnica, mas também sobre liderança, justiça. Então, quando a gente joga na rua, a gente quer um jogo equilibrado... se um time tá ganhando de goleada, a gente diz: “não, vamos trocar o time aqui” porque tem que ser desafiador o jogo, né? De elaborar regras: “quem chutou na descida busca”, “é falta ou não é falta?” ... conflitos... Difícil num jogo de rua alguém sai na porrada, porque acredito que são todos crianças. Mas, na verdade, é bem aberto o espaço, porque você joga com o gordinho, o magrinho, o baixinho, o alto, o novinho, o mais velho, enfim... Então, lidar com as diversidades (Treinadora F).

Uma das vantagens de ter sido jogadora, é a visão de que a atuação prática unida à formação acadêmica potencializa sua formação profissional, tanto nos conhecimentos técnicos e específicos, quanto nos aspectos emocionais e pedagógicos decorrentes das situações de jogo.<sup>41</sup> Esses achados reforçam a necessidade de construir diversos tipos de conhecimentos e capacitações para a atuação como treinadora, ressaltando a importância de saber se adaptar às imprevisibilidades e particularidades pedagógicas e estratégicas do esporte.

As narrativas das treinadoras indicam que o caminho para se tornar parte de uma comissão técnica de futebol é facilitado para pessoas que foram atletas da

---

<sup>40</sup> FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

<sup>41</sup> FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

modalidade decorrente da sua rede de contatos (*network*). Ser atleta pode propiciar vantagens importantes como as redes de apoio normalmente vindas de algum ex-treinador, membro de federações e homens em cargos de poder no esporte.<sup>42</sup> Uma das participantes do estudo relatou ser convidada para trabalhar como treinadora por um treinador que acompanhou sua trajetória como jogadora.

Eu recebi um convite, na época era o Indivíduo 1, o coordenador, junto com o Professor 2... [eles] me convidaram para ser parte da comissão técnica da equipe adulta e aí inicialmente foi algo que me assustou muito porque eu estava jogando ainda, né? Me disseram que eu ia ter que parar de jogar... Mas não só por isso, pelo desafio também... Então eu aceitei o desafio! Pedi pra que eles me explicassem bastante qual era o objetivo e eles disseram que era pra eu fazer a transição ali dentro. Tive muita sorte porque eram pessoas que me apoiaram bastante... Então, desde lá, estou aqui! (Treinadora D).

A partir do relato da treinadora, notamos que o contato com treinadores e gestores do futebol pode ser uma porta de entrada para a modalidade. Um cenário similar foi encontrado por Novais et al.<sup>43</sup> ao mostrarem que treinadores e dirigentes de clubes de futebol no Brasil convidaram e contrataram mulheres para atuarem como treinadoras de suas equipes. Entretanto, é importante lembrar que eles ainda são minoria.<sup>44</sup> O futebol é uma modalidade comandada por homens dentro e fora de campo, o que pode tornar a inserção de mulheres em cargos de liderança, comissões técnicas e a progressão de carreira um desafio dependente da sua rede de contatos.<sup>45</sup> Homens tendem a contratar homens, devido à rede de contatos estabelecida entre eles, mesmo que uma mulher seja mais capacitada e experiente. A literatura aponta esse fenômeno como a chamada reprodução homóloga, em outras palavras, o princípio da similaridade, denominação que demonstra que homens tendem a contratar seus iguais, compactuando para que o ambiente continue sendo majoritariamente ocupado por eles.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

<sup>43</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

<sup>44</sup> NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JUNIOR; MONTEIRO; PIRES. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil, p. e27023.

<sup>45</sup> PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI. Futebol de mulheres liderado por homens, p. e26060.

<sup>46</sup> FERREIRA; DO CARMO SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil, p. 21-29.

A Treinadora F comenta a importância de garantir que mulheres alcancem posições de liderança, em gestões esportivas e em comissões técnicas, para que os interesses e políticas do futebol de mulheres venham de pessoas que possuem identificação com a modalidade em questão:

Eu acho é [garantir] cada vez ter mais mulheres na parte de cima da [gestão da] organização (...) Por exemplo, aqui no clube, são muitas mulheres e isso tem muito o dedo da coordenadora. O clube vê de uma maneira positiva ter mais mulheres, nós temos poucos homens na comissão técnica. A técnica é mulher, a assistente é mulher, preparadora de goleira é mulher, preparadora física também é mulher... O roupeiro é homem, o analista é homem e o fisioterapeuta é homem. A supervisora é mulher, coordenadora mulher e a responsável pela captação é mulher, isso falando da equipe profissional, né? (Treinadora F).

Os estudos apontam que o acesso para mulheres entrarem no mercado de trabalho atuando como treinadoras é facilitado quando elas possuem os chamados “tutores” ou “tutoras”.<sup>47</sup> Essas pessoas ocupam cargos de poder e podem tomar decisões em relação a indicações e contratações dentro de uma organização esportiva. Em muitos casos, esse papel é exercido por um ex-treinador ou gestor. Sendo o futebol uma modalidade majoritariamente dominada por homens e o princípio de contratação por similaridade um fator determinante para a manutenção da hierarquia de gênero protagonizada por eles, estudos apontam que a falta de mulheres no papel de tutoras é uma barreira para que o número de treinadoras cresça.<sup>48</sup> Nesse sentido, embora as mulheres estejam gradualmente conquistando espaço como gestoras de futebol, reforçamos a importância de mais mulheres atuando em cargos de tomada de decisão para a proposta de ações e políticas de maior equidade de gênero.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> KILTY. Women in coaching, p. 222-234.

<sup>48</sup> KILTY. Women in coaching, p. 222-234.

<sup>49</sup> BARREIRA; LEMES; GALATTI. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil, p. 145-163.



**“Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: a importância de treinadoras como referências**



Fig. 3. Resumo do Tema 3 “Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também”: a importância de treinadoras como referências”.

O predomínio de homens em posições de liderança no futebol faz com que meninas não identifiquem o esporte como uma possível carreira profissional e que meninos não reconheçam as possibilidades de mulheres ocuparem esses cargos.<sup>50</sup> A ausência de treinadoras no ambiente esportivo colabora com a suposta falta de capacidade para ocuparem essas posições e com os baixos níveis de confiança pessoal. Por conseguinte, as treinadoras relatam não pensar em atuar na modalidade por nunca terem visto outras mulheres em papéis de liderança. Por exemplo, a treinadora A comenta “Não, mesmo porque você não tem essa perspectiva de ter pessoas ali pra você falar “nossa, quero ser treinadora porque tal mulher é uma treinadora ferrada”. A gente nunca teve isso”. A falta de perspectiva profissional devido à sub-representatividade de treinadoras no futebol brasileiro é reforçada por outra participante ao comentar “Na verdade eu nunca pensei em estar no papel de treinadora, fui fazer

<sup>50</sup> WHISENANT; MILLER; PEDERSEN. Systemic barriers in athletic administration: an analysis of job descriptions for interscholastic athletic directors, p. 911-918.

um curso porque eu queria ser uma atleta melhor” (Treinadora D). Esses relatos reforçam que à medida que as mulheres não tiveram essas figuras de referência ao longo de sua vida, por diversas vezes nem enxergaram a possibilidade de atuação profissional. Em contrapartida, quando mulheres alcançaram os cargos de alto visibilidade no esporte, se tornaram referências e encorajaram futuras gerações a seguirem caminhos similares.<sup>51</sup> No nosso estudo, a Treinadora B comentou como ver uma mulher em um cargo de liderança mudou a sua perspectiva e gerou um sentimento de motivação por associação:

Pensa numa mulher pequenininha, parecia uma criança e dona de uma escolinha que era potência no Norte, que botava muita criança na seleção e a partir daquele momento eu pensei “caraca, só estive envolta de diretores homens e donos de escolinhas homens, nunca estive envolta de uma mulher”. E a primeira vez que isso aconteceu eu pensei “eu posso ser dona de uma escolinha também”. Eu não sabia até aquele momento... E como faz diferença essa motivação por associação, né? (Treinadora B).

A narrativa da treinadora reforça que as posições de liderança no futebol brasileiro ainda são majoritariamente ocupadas por homens e que a presença de mulheres nesse espaço, além de desafiar as construções de gênero, também pode gerar identificação e revelar uma outra carreira a ser percorrida dentro do ambiente esportivo. De forma similar, Lockwood<sup>52</sup> mostrou que jogadoras eram influenciadas mais positivamente a seguirem na carreira como treinadoras quando treinadas por mulheres quando comparadas aos homens. Por conta das barreiras que mulheres podem enfrentar na sua carreira devido às construções de gênero, pode ser especialmente importante para elas conhecerem outras treinadoras bem-sucedidas nessa profissão.<sup>53</sup>

Uma treinadora foi dar uma palestra na aula na universidade.. mais uma mudança de chave! E ai eu descobri ela, né? Na verdade eu nem sabia quem era ela. E ela comenta que fez o mesmo curso e ficou no mesmo lugar que eu fiquei. E aquilo me deu uma sensação de “caramba, ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também” (Treinadora A).

Tiveram três professoras na época da escola que me marcaram muito, que foi a professora A, a professora B que quis me puxar pro basquete e a C que era professora de basquete da prefeitura da minha cidade. Então,

---

<sup>51</sup> LOCKWOOD. “Someone like me can be successful”: Do college students need same-gender role models?, p. 36-46.

<sup>52</sup> LOCKWOOD. “Someone like me can be successful”, p. 36-46.

<sup>53</sup> LOCKWOOD. “Someone like me can be successful”, p. 36-46.

eu vejo que olhando para trás, conversando com outra treinadora, essas três mulheres foram muito importantes para a representatividade que falei lá quando eu era menor e não sabia que existia futebol feminino. Eu olhava para as professoras e pensava: “nossa, que legal”. Eu achava muito legal o que elas faziam, porque a Educação Física é a aula mais legal da escola, todo mundo quer participar, é a parte da semana que você espera tanto (Treinadora F).

As participantes relataram a importância de terem conhecido treinadoras ao longo da sua trajetória, demonstrando como isso influenciou na motivação e na percepção de possibilidade de carreira profissional. É importante notar que as participantes entraram em contato com as treinadoras que se tornaram referências a partir das suas vivências esportivas em escolas, clubes e até mesmo na universidade. Mas, devido à sub-representatividade dessas profissionais, é possível que diversas jogadoras brasileiras tenham sua formação esportiva conduzida por somente homens. Nesse sentido, é importante que organizações esportivas e meios de comunicação divulguem cada vez mais mulheres que alcançam os cargos de visibilidade no esporte. Jogadoras, que não tiverem a oportunidade de conviver com as treinadoras, podem ser inspiradas por mulheres que ocupam essa posição ao conhecerem sua trajetória e protagonismo pelas redes sociais, programas de televisão e meios de comunicação.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar da constante evolução do futebol brasileiro, o âmbito esportivo ainda se consagra como um ambiente direcionado para homens e gerido por homens, sendo uma área de atuação de difícil acesso e permanência para mulheres. As experiências como jogadoras ao longo da vida dessas mulheres se mostraram como um elemento diferencial na construção da carreira como treinadoras. Habilidades adquiridas como atletas, como aprendizado de habilidades sociais, respeito com as regras e as pessoas que fazem o jogo, e desenvolvimento de aspectos psicológicos, foram apontados como essenciais para a atuação como treinadoras. Além disso, a progressão de carreira se deu de forma mais natural para mulheres que já estão inseridas dentro do contexto esportivo do futebol, aumentando a possibilidade de que jogadoras passem a atuar como treinadoras.

Os caminhos para alcançar cargos de liderança e comissões técnicas são facilitados para mulheres que possuem redes de contatos, principalmente decorrente da sua trajetória como jogadoras. Esses contatos são chamados pela literatura como tutores, sendo na maioria das vezes treinadores, dirigentes de clubes e cursos que atuam como facilitadores para mulheres no futebol. No entanto, apesar da importância desses personagens, a existência desse fator expõe a profunda ausência de mulheres em posições de liderança, explicitando a importância de garantir e viabilizar que elas também possam chegar em cargos de tomada de decisão e agir como tutoras de outras mulheres.

Um outro fator importante apontado pelas treinadoras na sua carreira foi a existência de mulheres referências dentro do esporte. Elas relataram que ao entrarem em contato com treinadoras no esporte, puderam se identificar com suas trajetórias, gerando uma sensação de pertencimento e projeção de carreira. A existência de mulheres referências na área é um fator importante para que mulheres busquem ascender como treinadoras no futebol. É fundamental que agentes de desenvolvimento, como clubes e federações esportivas, promovam políticas esportivas para mulheres em cargos de gestão e liderança, aumentando a possibilidade de contratação e inserção de treinadoras no mercado esportivo.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?. **Movimento**, UFRGS, v. 27, 2021.
- BARREIRA, Júlia; LEMES, Rodrigo; GALATTI, Larissa Rafaela. Trajectories and professional skills of high-level women's football managers in Brazil. In: KNIJNIK, Jorge; COSTA, Ana (eds.). **Women's Football in Latin America**. Springer, 2023. p. 145-163.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- COSTA, Arthur; KALIICK, Bena. Through the lens of a critical friend. **Journal of the Department of Supervision and Curriculum Development**, v. 51, n. 2, 1993.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; NOVELLI, Ana Lucia Romero. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 62-83.

EAGLY, Alice; CARLI, Linda. **Through the labyrinth**: the truth about how women become leaders. Cambridge: Harvard Business School, 2007.

FERREIRA, Heidi Jancer; DO CARMO SALLES, José Geraldo; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista da Educação Física**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, UFRGS, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, UFRGS, v. 13, n. 2, p. 173-196, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, UFRGS, p. e29010, 2023.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting females**: critical issues in the history and sociology of women’s sports. Londres: Routledge, 2002.

KAMPHOFF, Cindra S. Bargaining with patriarchy: former female coaches’ experiences and their decision to leave collegiate coaching. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 81, n. 3, p. 360-372, 2010.

KILTY, Katie. Women in coaching. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 2, p. 222-234, 2006.

LAVOI, Nicole M.; DUTOVE, Julia K. Barriers and supports for female coaches: an ecological model. **Sports Coaching Review**, v. 1, n. 1, 2012.

LEWIS, Colin J.; ROBERTS, Simon J.; ANDREWS, Hazel. ‘Why am I putting myself through this?’ Women football coaches’ experiences of the Football Association’s coach education process. **Sport, Education and Society**, v. 23, n. 1, p. 28-39, 2018.

LOCKWOOD, Penelope. “Someone like me can be successful”: Do college students need same-gender role models?. **Psychology of Women Quarterly**, v. 30, p. 36-46, 2006.

NORMAN, Leanne. Feeling second best: elite women coaches’ experiences. **Sociology of Sport Journal**, v. 27, n. 1, p. 89-104, 2010.

NORMAN, Leanne. The challenges facing women coaches and the contributions they can make to the profession. **International Journal of Coaching Science**, v. 7, n. 2, p. 3-23, 2013.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: estratégias de subversão e resistência

- no campo da liderança esportiva. **Movimento**, UFRGS, v. 27, p. e27023, 2021.
- PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, UFRGS, v. 26, p. e26060, 2020.
- PFISTER, Gertrud. Women in sport: gender relations and future perspectives 1. **Sport in Society**, v. 13, n. 2, p. 234-248, 2010.
- RICHARDSON, Laurel. New writing practices in qualitative research. **Sociology of Sport Journal**, v. 17, n. 1, p. 5-20, 2000.
- SAWIUK, Rebecca; LEWIS, Colin J.; TAYLOR, William George. “Long ball” and “balls deep”: a critical reading of female coach-learners’ experiences of the UEFA A licence. **Sports Coaching Review**, v. 10, n. 1, 2021.
- SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SMITH, Brett; SPARKES, Andrew C. **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**. London: Routledge, 2016.
- SOUZA, Ana Claudia Ferreira de; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, p. 26-39, 2018.
- SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, p. 1-9, 2002.
- TAMASHIRO, Lucas; MARQUES, Renato; OLIVEIRA, Flavia; PALMA, Bartira; GALATTI, Larissa Rafaela. Women’s futsal at a Brazilian university: does the academic social environment influence prejudices against the players? **Motriz**. Revista de Educação Física, v. 28, p. 1-6, 2022.
- VISSOCI, João Ricardo Nickenig; FIORDELIZE, Suellen de Souza; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 1, p. 145-156, 2013.
- WHISENANT, Warren; MILLER, John; PEDERSEN, Paul M. Systemic barriers in athletic administration: an analysis of job descriptions for interscholastic athletic directors. **Sex Roles**, v. 53, n. 11-12, p. 911-918, 2005.
- WOLF, Evelyn. **De jogadoras a treinadoras: mulheres rompendo o teto de vidro**. UFRGS, Curso de Educação Física: Bacharelado, 2017.
- YIN, Robert K. **Qualitative research from start to finish**. Guilford publications, 2010.

\* \* \*

Recebido em: 14 mar. 2023.  
Aprovado em: 28 jun. 2023.